



ENTRE O ANTIGO E O REACIONÁRIO: UM ESTUDO SOBRE AS PRODUÇÕES DA “BRASIL PARALELO” E A RETÓRICA SOFÍSTICA CLÁSSICA

Ian Moura Gomes do Nascimento ¹;

1 – Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apoio Financeiro: CAPES

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar os usos da antiguidade e da tradição clássica na extrema-direita e no conservadorismo brasileiros, em especial os dos sofistas e da filosofia platônico-aristotélica, a partir do estudo de caso de produções documentais e textuais da Brasil Paralelo. O tema surge através da compreensão, difundida pela produtora, de que a retórica sofística seria uma das primeiras bases de um “relativismo moral” no mundo contemporâneo. Esse discurso conservador identifica uma decadência da verdade, da tradição clássica e dos bons costumes no presente, que podem ser redimidos através do resgate da “Cultura Ocidental”. A partir dos estudos de recepção dos antigos e dos usos do passado, é possível identificar como os antigos são apreendidos e reapropriados nos usos desses discursos civilizatórios do presente. Em suma, questiona-se até que ponto essa visão conservadora do pensamento platônico-aristotélico utilizada pela Brasil Paralelo distorce elementos clássicos da sofística ao recepcioná-los.

Palavras-chave: sofística; extrema-direita brasileira; recepção dos clássicos; usos do passado;

INTRODUÇÃO:

A sofística, que por um tempo foi considerada pela tradição como uma das principais responsáveis pela “decadência moral ateniense”, é uma das práticas antigas que têm sido criticadas pela Brasil Paralelo sob o viés de uma recepção de ideias platônico-aristotélicas. Essa caracterização moralista de discursos filosóficos relaciona determinadas práticas à ideia de decadência e relativização da moral e dos bons costumes. Nos usos da antiguidade clássica da Brasil Paralelo, a ideia de verdade é conduzida a um conceito principal: a consolidação da tradição “virtuosa” do Ocidente enquanto espaço de poder, legitimidade e autoridade sobre quais são os caminhos certos para a verdade, a religiosidade, a civilização e o progresso. Tal dinâmica de conservação da tradição denominada por eles de “Cultura Ocidental” é posta como um contraponto aos discursos subjetivos e contemporâneos da pós-modernidade em uma disputa em que se utilizam visões tradicionais recepcionadas da antiguidade e da modernidade de forma violenta contra grupos socialmente marginalizados. Esse relativismo moral teria, segundo essa visão, se originado na Grécia antiga através da filosofia de Protágoras, ao afirmar que “o homem é a medida de todas as coisas” e ressurgido no contemporâneo com a “relativização da verdade”.

OBJETIVOS:

1. Compreender as diferentes formas que os sofistas e a filosofia platônico-aristotélica foram apreendidos historiograficamente na tradição clássica.
2. Analisar os elementos conservadores de civilização, imperialismo e autoridade dessa tradição clássica que estão presentes nos discursos nas produções textuais e audiovisuais selecionadas da Brasil Paralelo.
3. Definir as ressignificações, usos e recepções do legado da tradição clássica conservadora por meio da filosofia platônico-aristotélica e da sofística nas produções textuais da Brasil Paralelo.

METODOLOGIA:

Por se tratar de uma pesquisa historiográfica e teórica sobre os modos que os discurso contemporâneos se relacionam com proposições da antiguidade, sejam elas discursivas ou institucionais, a pesquisa tem como fontes certos diálogos platônicos clássicos selecionados, a literatura acerca da sofística clássica e produções textuais e audiovisuais da Brasil Paralelo. Desse modo, são utilizados os métodos de recepção dos clássicos (Hardwick e Gillespie, 2007; Leonard e Prins, 2010; Butler, 2016; Richardson, 2019) para analisar os elementos que são criados, recriados, adaptados, reformulados e apropriados nas novas formas de interação com o passado. Além disso, a análise política de recepções do passado perpassa as dinâmicas de emissor-receptor tradicionais, sendo necessário uma leitura dos usos do passado (Silva, 2020).

RESULTADOS:

Henry Sidgwick (1872) evidencia que uma das visões ultrapassadas que se tem sobre os sofistas é a de que eles eram charlatões que viviam na Grécia Antiga ganhando a vida dizendo professor “a virtude” enquanto, na verdade, ensinavam a arte do discurso falacioso e da retórica enquanto propagavam doutrinas imorais (Sidgwick, 1872, p. 289). Sidgwick identifica que os estudos antigos sobre os sofistas circulavam em torno de Atenas como o centro da Grécia, e propunham como os tutores particulares foram ali recebidos e derrotados por Sócrates, que “expôs o vazio da sua retórica e triunfantemente defendeu os princípios éticos sólidos contra os seus plausíveis sofismas perniciosos”. E que, segundo essa visão mais antiga, após um breve sucesso eles caíram no “merecido desprezo”, de modo que sua denominação se tornou uma forma de insulto para as gerações seguintes (Sidgwick, 1872, p. 289). As pesquisas dificilmente tinham seu enfoque nas ideias sofísticas, se direcionando mais para os escritos de Parmênides e Platão, no entanto, há algumas reflexões acerca dos sofistas que são interessantes. Nos estudos de H. Gomperz, sua caracterização dos escritos de Górgias eram sobre seu “niilismo”. Gomperz acreditava usa do termo para identificar nos escritos gorgianos uma completa negação à ideia de uma verdade objetiva (Gomperz, 1912, p. 25).

A literatura recente questiona as interpretações dadas às ideias sofísticas por Platão, Sócrates e Aristóteles acerca da ideia comum de que os sofistas seriam apenas charlatões. Com a chegada de novos teóricos sobre o tema, como George Kerferd e Barbara Cassin, as análises sobre os sofistas começaram a ser direcionadas para essa crítica da tradição que privilegia as percepções platônicas e aristotélicas sobre os sofistas. Kerferd assume uma postura anti-platônica, afirmando que o movimento sofístico foi um momento de lucidez filosófica na antiguidade ateniense. O autor identifica também que o juízo contra os sofistas vem da leitura de Platão, que seria o responsável pela categorização dos sofistas como falsos pensadores, na mesma medida em que “virtualmente todos os pontos do pensamento de Platão têm seu ponto de partida na sua reflexão sobre os problemas levantados pelos sofistas” (Kerferd, 2003, p. 294). Já Cassin, restaura os sofistas na condição filosófica voltada à retórica e da linguagem, ao usar, em certa medida, ideias similares às de Schiller mas com uma conotação positiva, ao propor uma reafirmação da relevância sofística (Cassin, 2005, p. 103). As interpretações sobre a sofística como um movimento puramente retórico surgem também em leituras pós-estruturalistas dos escritos dos sofistas. Ideias tradicionalmente marcadas pelas teses sofísticas, como questões sobre a subjetividade da verdade e as nuances da autoridade imbuídas na retórica, voltam a surgir na contemporaneidade. Nessa condição pós-moderna, a noção de verdade é considerada relativa aos discursos e as relações de poder vigentes, construídas social, cultural, institucional e historicamente. Essa visão contemporânea de verdade, mais voltada a relações subjetivas e coletivas, tem seus principais críticos em meios conservadores, que utilizam os gregos e romanos antigos como basilares da racionalidade e da virtude moral. A Brasil Paralelo ultimamente tem se tornado uma potência da extrema-direita na disseminação de estudos filosóficos e políticos voltados para o conservadorismo.

Em artigos publicados em seu site principal, a Brasil Paralelo faz uso de elementos da antiguidade como forma de autoridade para legitimar suas ideias conservadoras, como com uma descrição das características que diferenciariam as culturas “ocidentais” e “orientais”, onde as visões filosóficas e religiosas das primeiras

seriam pautadas na razão e na realidade em si, enquanto que as “culturas orientais” seriam baseadas no misticismo, sendo portanto a ciência uma criação ocidental (Brasil Paralelo, 2023a). Além disso, outros artigos descrevem as ideias ultrapassadas de que os sofistas fariam parte de uma decadência moral pela defesa da subjetividade que é feita por eles, alinhadas com ideias mais antigas sobre os sofistas (Brasil Paralelo, 2023b). Desse modo, nos usos da antiguidade clássica da Brasil Paralelo e outros meios de comunicação da extrema-direita brasileira, a ideia de verdade é conduzida a um conceito principal: a consolidação da tradição “virtuosa” do Ocidente enquanto espaço de poder, legitimidade e autoridade sobre quais são os caminhos certos para a verdade, a religiosidade, a civilização e o progresso. Esses usos são aqueles que definem em qual clima vive o “homem civilizado”, assim como a que deus ele cultua e quais são seus modos de existência (Blouin, 2018).

CONCLUSÕES:

A dinâmica de conservação da tradição da Cultura Ocidental da Brasil Paralelo é posta como um contraponto aos discursos subjetivos e contemporâneos da pós-modernidade através de um imaginário reacionário e conspiracionista, sob o qual existe, subjacente aos fatos, um grande complô previamente arquitetado por determinados atores sociais, contra o qual uma ação política necessita ser realizada (Rocha, 2021). Dessa maneira, há a criação de um discurso mítico, que é identificado por Diego Martins Dória Paulo como uma construção ideal que serve como uma força modeladora do presente e do futuro, no sentido de construção capaz de mobilizar um público em direção a um objetivo (Paulo, 2020). Esse discurso mítico conspiracionista da Brasil Paralelo, que identifica no mundo contemporâneo uma decadência da tradição, estabelece os critérios de diferença que definem o outro a ser combatido (Nicolazzi, 2021, p. 13) e encontra também nos antigos os pilares de civilização necessários para legitimar seus discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- HARDWICK, Lorna; GILLESPIE, Carol (eds.). **Classics in Post-Colonial Worlds**. New York: Oxford University Press, 2007.
- LEONARD, Miriam; PRINS, Yopie. Foreword: Classical Reception and the Political. **Cultural Critique**, [S. l.], n. 74, p. 1–13, 2010.
- BUTLER, Shane (ed.). **Deep Classics: Rethinking Classical Reception**. London: Bloomsbury, 2016.
- RICHARDSON, Edmund. **Classics in Extremis: The Edges of Classical Reception**. London: Bloomsbury, 2019.
- SILVA, Glayson José da. Guerra cultural, guerra total: a interpretação de dados históricos e arqueológicos sobre a antiguidade pela revista de extrema direita francesa terre et peuple (1999-2016). **Phoïnix**. [S. l.], v. 25, n. 2, fev. 2020, p. 167–189. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/phoenix/article/view/32422>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- SIDGWICK, Henry. The Sophists. **The Journal of Philology**, [S. l.], n. 8, pp. 288–307, 1872.
- GOMPERZ, Heinrich. **Sophistik und Rhetorik. Das Bildungsideal des Eu Legein in Seinem Verhältnis zur Philosophie des V. Jahrhunderts**. Leipzig/Berlin: Teubner, 1912.
- KERFERD, George Briscoe. **O movimento sofista**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- CASSIN, Barbara. **O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.
- CULTURA ocidental — Veja quais são os três pilares da cultura no Ocidente. **Brasil Paralelo**, 8 ago. 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/cultura-ocidental>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- O QUE é relativismo moral? É uma filosofia ou a negação dela? **Brasil Paralelo**, 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/relativismo-moral>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- BLOUIN, Katherine. Civilization: What’s up with that? **Everyday Orientalism**, 23 fev. 2018.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio. Crônicas de um Brasil pós-político**.



Goiânia: Caminhos, 2021.

PAULO, Diego Martins Dória. Os mitos da Brasil Paralelo: uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). **REBELA**, [S. l.], vol. 10, n. 1, pp. 101–110, 2020. Disponível em:

<https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/4180>. Acesso em: 23 ago. 2024.

NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. **Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia**, [S. l.], 2021. Disponível em:

https://www.academia.edu/104797692/Brasil_Paralelo_Restaurando_a_Patria_Resgatando_a_Historia_A_Independ%C3%Aancia_entre_Mem%C3%B3rias_P%C3%BAblicas_e_Usos_do_Passado. Acesso em: 23 ago. 2024.